

NOS



WE, AROUND THE WORLD

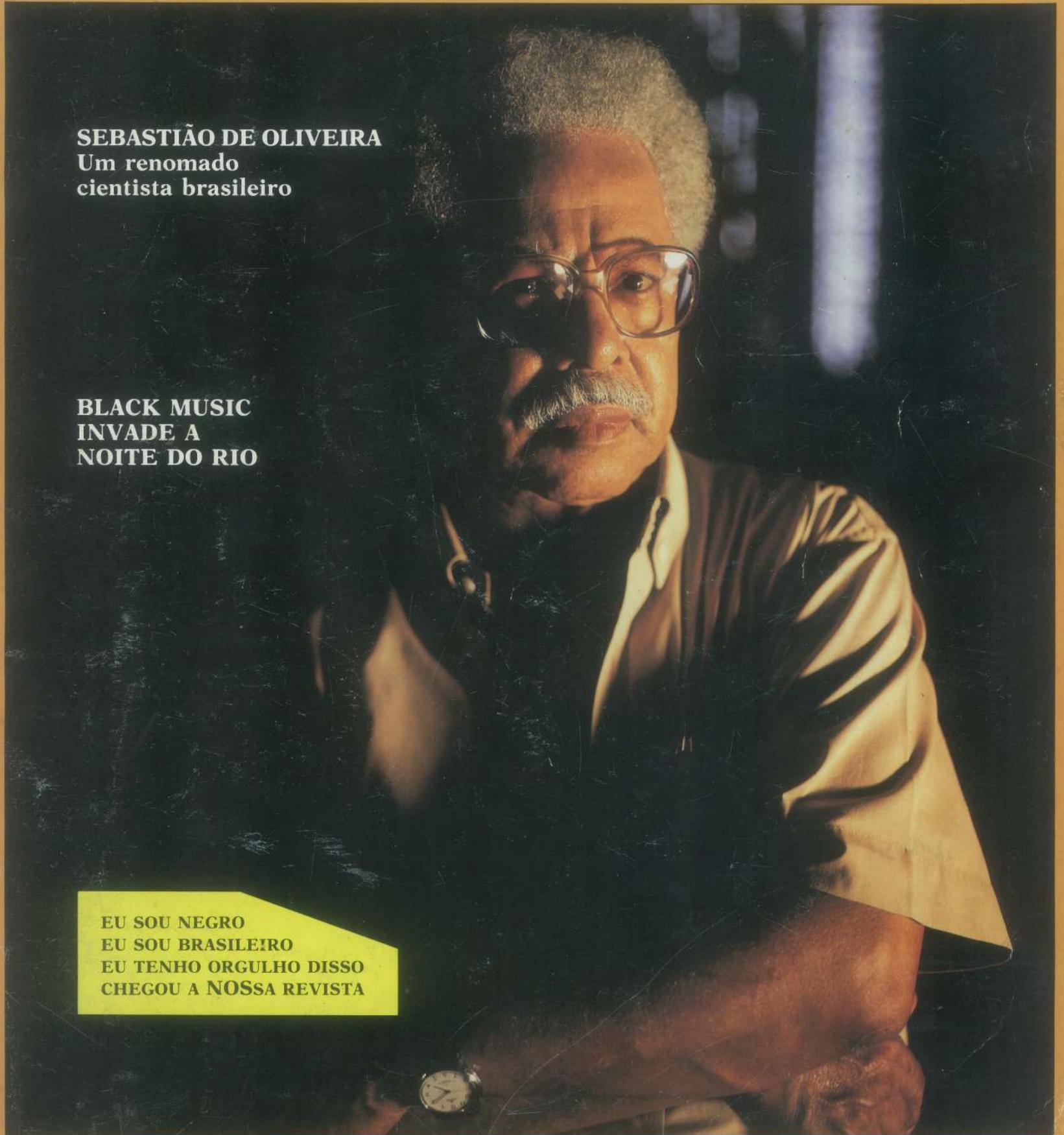
ANO 1 - NUMERO 1 - FEVEREIRO 91

PRICE: US 5\$

SEBASTIÃO DE OLIVEIRA
Um renomado
cientista brasileiro

**BLACK MUSIC
INVADE A
NOITE DO RIO**

**EU SOU NEGRO
EU SOU BRASILEIRO
EU TENHO ORGULHO DISSO
CHEGOU A NOSSA REVISTA**



PERFIL

SEBASTIÃO DE OLIVEIRA

UM CIENTISTA NO SAMBA DOS INSETOS

PHOTOS: VANTOEN P. JR.

texto de Carlos Nobre

Samba e insetos. Ou melhor, o samba dos insetos. Nada altera essa relação entre um gênero musical brasileiro e esses minúsculos animais predominantes em países tropicais se, no caso, o cientista negro Sebastião José de Oliveira, curador da Coleção Entomológica da Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), o maior centro de pesquisas experimentais da América Latina, for o intermediário entre eles. Aos 72 anos - 50 dos quais dedicados ao estudo de insetos -, Sebastião, um entomólogo de renome mundial, não consegue dissociar sua trajetória científica de um bem acabado samba-enredo.

Aos 11 anos, em Cascadura, onde nasceu, o menino Sebastião lembra a imagem marcante de um vizinho negro, discreto, malandro, que usava, nos anos 20, terno S-20 e sandálias *charlot*. O vizinho convidou sua família para participar de uma festa, mas, temendo arruaças, os pais não permitiram que Sebastião fosse para a roda de samba. A festa durou três dias ininterruptos com cerveja preta, comida farta, mulheres lindas e sambistas mitológicos do Rio Antigo. "Ao assistir ansioso àquela festa do meu quintal, com seu tom afro-religioso profano, senti meu primeiro impacto de negritude. Fiquei fascinado em ser negro", confessa.

O samba se articulou com

os insetos na mesma época e no mesmo bairro. Filho de um maquinista da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, hoje Rede Ferroviária Federal, o menino Sebastião, com seus colegas, costumava brincar com mosquitos e insetos, sem saber que, naquela época, eram transmissores de doenças tropicais. Mais tarde, a partir dos anos 50, tornou-se uma das maiores autoridades em insetos do mundo, com aproximadamente 120 trabalhos publicados e citados por cientistas da Europa, Japão e Estados Unidos.

Samba e insetos. Essa curiosa ligação para um negro, oriundo das camadas pobres do Rio Antigo, se estende a outros horizontes. Ao contrário dos papéis reservados aos descendentes de escravos, Sebastião tornou-se um célebre produtor de conhecimentos. Ele domina a linguagem ocidental, escreve teses, usa a lógica e a dialética do conhecimento se estiver de olho num novo espécime cujo estudo contribua para melhorar as precárias condições de saúde da população. Isso teve respostas concretas: seu sobrenome "Oliveira" é o nome de nove espécies diferentes de insetos que descobriu, uma homenagem científica ao seu trabalho.

Uma peixada inesquecível

Se, por um lado, a ciência ocidental lhe serve como ins-

trumental de trabalho e consagração científica - entrou para Fiocruz como estagiário em 1939, levado pelo professor de Medicina Veterinária Hugo de Souza Lopes -, Sebastião, casado, dois filhos, morador da Avenida Epitácio Pessoa, na Lagoa Rodrigo de Freitas, área nobre do Rio de Janeiro, também se relaciona com o lado lúdico da cultura afro-brasileira. Dois pais-de-santos diferentes afirmaram que seus protetores são os orixás Xangô e Oxalá. "Eu freqüento o candomblé, mas nunca fui de raspar a cabeça. Eu sou negro e por isso minhas ligações com a nossa cultura são muito fortes e definitivas", assegura o mestre dos insetos, testemunha viva do nascimento e decadência das grandes escolas de samba cariocas.

- Praticamente eu vi nascer todas elas, em especial a Portela, minha escola de coração, e o Império Serrano. Nunca perdi, na década de 40, a peixada de quarta-feira de cinzas dada por João Mendonça, o João Calça Curta, que deu o primeiro tricampeonato para a Portela. Nessa peixada, ia toda a velha guarda da escola, onde a gente comia o peixe com cerveja preta em homenagem ao orixá Xangô - recorda Sebastião, jurado do quesito samba-enredo dos desfiles do grupo especial em 1989 e 1990.

Sebastião nasceu em 3 de novembro de 1918, em Cascadura. Sua mãe era filha ilegíti-



tima do Barão da Taquara, dono de numerosas propriedades na Baixada de Jacarepaguá, que chegou até a ceder terras para suas escravas favoritas. Sob o signo de Escorpião, Sebastião talvez até explique sua característica de vencedor de batalhas numa sociedade antagônica ao negro. É uma pessoa que conhece sua força, espera o momento certo para fundamentar sua competência e, ao mesmo tempo, revela-se um investigador que cava as coisas para ver o que há por dentro. Como, por exemplo, ao dissecar o organismo de um espécie nova de inseto e tirar conclusões sobre as relações do Homem com a Natureza.

O negro e o rei

Na época em que nasceu, nos subúrbios vazados pelas linhas de ferro da Central do Brasil, um maquinista tinha a popularidade correspondente hoje à de um artista de TV. Os maquinistas faziam sucesso entre as mulheres, com suas composições enfeitadas. Por coincidência, a maioria dos comandantes de trens eram negros. Foi em 1922, com quatro anos, que Sebastião captou uma amarga decepção no rosto do pai, um maquinista popular em Cascadura. Um maquinista branco, Carlos Pereira, foi escolhido para comandar a composição que transportaria o Rei Alberto e a Rainha Elisabeth da Bélgica, em

viagem pelo Brasil. Ganhou até placa do Rei por isso. "Por que será que, com tantos maquinistas negros, foram escolher um branco?" - pergunta.

O filho do maquinista, mesmo assim, se acha um privilegiado. Nunca trabalhou na adolescência para complementar a renda familiar, como acontece nas famílias negras de baixa renda. Só começou a trabalhar aos 20 anos, já estudante de Medicina Veterinária na antiga Faculdade Nacional de Medicina Veterinária da Praia Vermelha, na Urca. Os motivos são estratégicos. O preferido do pai era o irmão mais velho, Osvaldo (em homenagem ao fundador da Fiocruz), que morreu, aos 18

anos, de tuberculose, e que tinha boa formação cultural. "Meu pai queria um filho doutor assim como outras famílias pobres. Por isso, resolveu investir em mim. Só vim a trabalhar quando estudante de Medicina Veterinária."

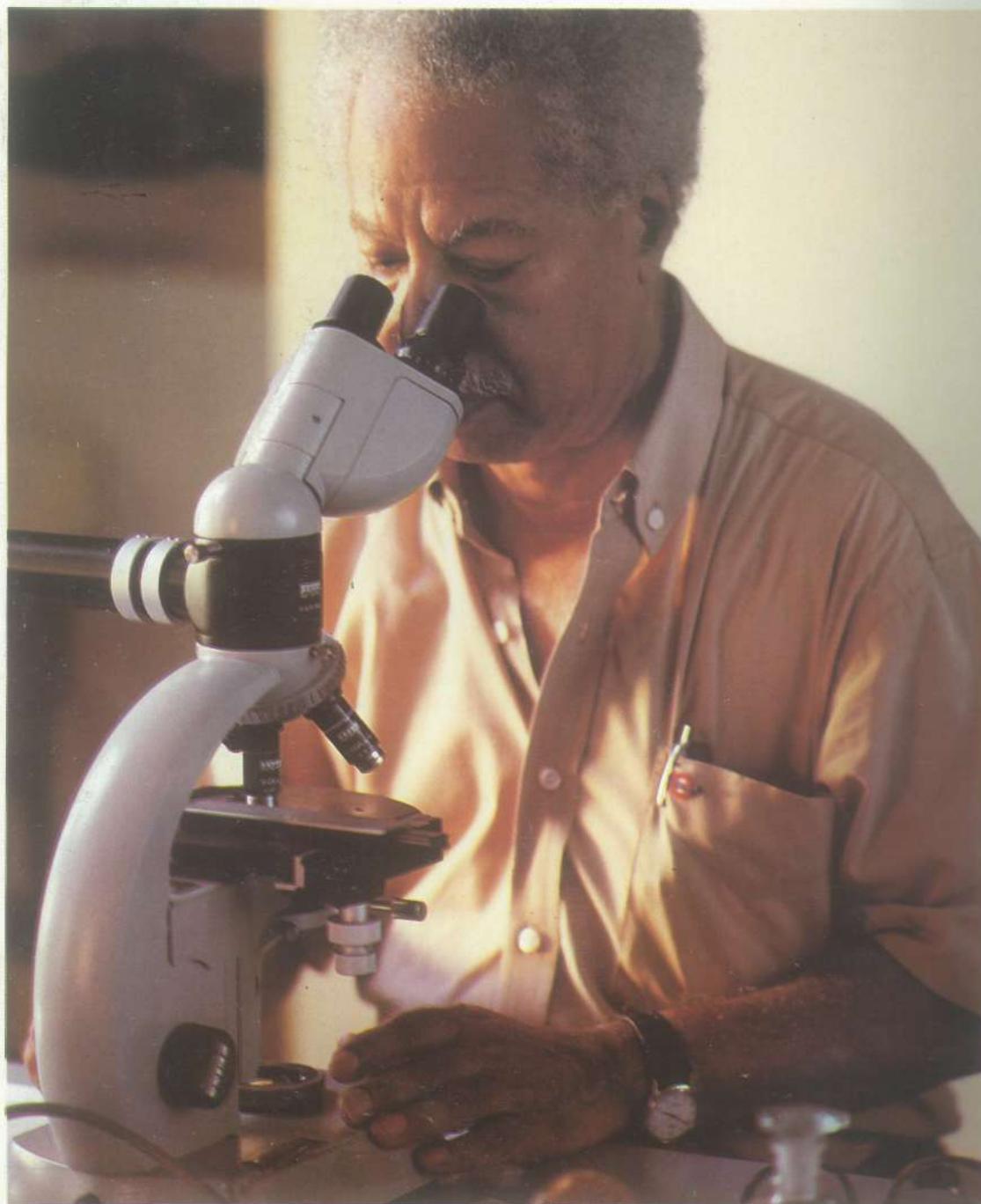
O elevador dos serventes

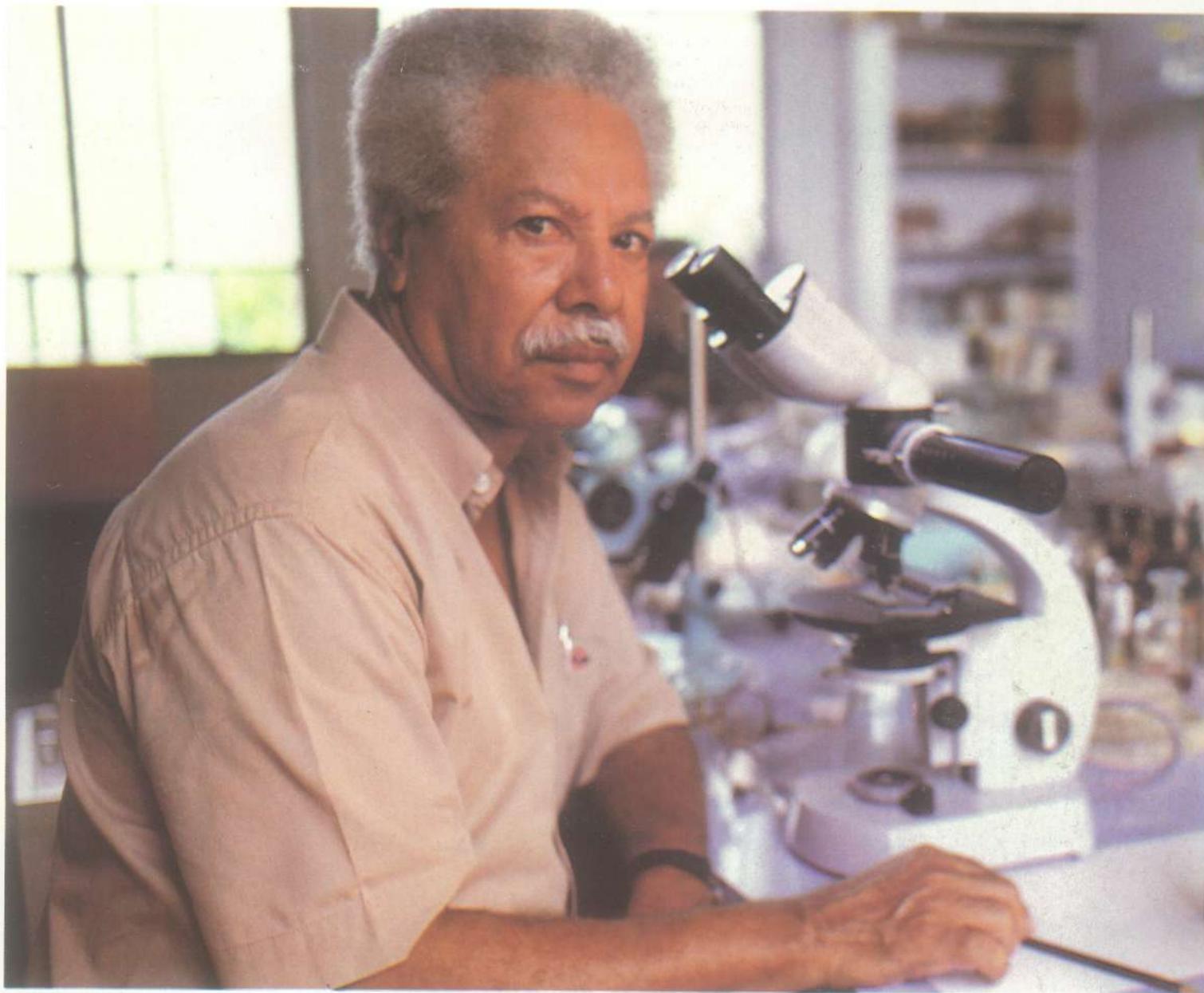
Ainda universitário na Praia Vermelha (só tinha o dinheiro certo para pagar o trem e o bonde), Sebastião, que fazia estágio na Fiocruz, trabalhava no Serviço de Malária da Baixada Fluminense (hoje Sumcam) e depois, a convite do cientista César Pinto, foi para Governador Valadares (MG) trabalhar no controle da malária para a construção da rodovia Rio-Bahia. Já formado, o médico, na cidade, se defrontou com o drama racial brasileiro.

Indicado por amigo comum, um juiz de uma cidade vizinha foi procurá-lo no acampamento para que analisasse as fezes de sua filha doente. Sebastião estava lendo, de pijama, numa rede, próximo da soleira da porta, quando o juiz pediu autoritariamente que fosse chamar o Dr. Sebastião. Ele levantou-se da rede e foi trocar de roupa. Quando voltou, disse para o juiz: "Pois não, sou o Dr. Sebastião." O magistrado ficou constrangido pela situação.

Em 1944, na própria Fiocruz, onde já se destacava, passou por episódio idêntico, no elevador do prédio central (o Castelo), que tem dois espaços de transporte, um social (para cientistas e visitantes ilustres) e o segundo, abaixo do primeiro, para o transporte de serventes e cargas. Sebastião estava na parte social do elevador quando este parou no primeiro andar, onde a pesquisadora Berta Lutz, filha do cientista Adolfo Lutz, esperava o elevador. "Ué, na parte social do elevador já pode entrar servente?" - comentou ela com o ascensorista. "Mas, Dra. Berta, quem está aqui é o Dr. Sebastião", retrucou o ascensorista, constrangido. "Mais tarde, eu dei o troco. Mas não quero contar" - diz Sebastião.

A segunda decepção na Fiocruz foi política. Em 1970, juntamente com outros nove brilhantes cientistas da fundação (Haity Moussatché, Hermann Lent, Moacyr Vaz de





Andrade, Augusto Cid de Mello Perissé, Hugo de Souza Lopes, Fernando Braga Ubaituba, Tito Arcoverde, Masao Goto e Domingos Arthur Machado Filho), teve seus direitos políticos cassados por 10 anos pelo AI-5 do governo militar do General Emílio Médici. Os cientistas foram impedidos de trabalhar na fundação sob a alegação de serem comunistas. Alguns analistas acreditam que com isso o Brasil sofreu um atraso de 50 anos em pesquisas de medicina experimental. Somente em 1986 os cassados foram reintegrados.

Professor de Zoologia, Parasitologia e Entomologia em cursos de formação profissional e pós-graduação (mestrado e doutorado) na Escola Nacional de Medicina Veterinária, o Instituto Oswaldo Cruz e no Museu Nacional (UFRJ), Se-

bastião escreveu 121 trabalhos científicos sobre sua especialidade e normalmente é chamado a opinar sobre políticas de combate a doenças transmitidas por mosquitos e insetos, como a dengue. Na Fiocruz, é coordenador da Comissão Interna de Controle do *Aedes aegypti*.

Seu trabalho é fundamental para a ciência moderna no Brasil. Foi ele quem descobriu uma seqüência de insetos que recebeu seu nome, e entre eles se destaca a família dos *Chironmidae*, importante para pesquisas em genética e biotecnologia, e também na detecção da poluição dos rios. Nesse assunto, ele é a primeira autoridade mundial.

O servente cientista

Filiado e fundador de di-

versas entidades de estudos científicos no Brasil, o entomólogo foi o primeiro cientista a possibilitar a comercialização do inseticida DDT no Brasil, em meados dos anos 50, quando trabalhou na antiga Geigy do Brasil, hoje Ciba Geigy. O DDT era um produto químico de fabricação suíça, descoberto durante a Segunda Guerra Mundial, e que se tornou, na época, segredo militar. Ao desenvolver o produto para comercialização, Sebastião tornou-se uma celebridade em outros países.

Prêmio Estácio de Sá de Ciência, concedido pelo governo estadual em 1986, ao se reintegrar à Fiocruz, Sebastião evita falar de sua importância científica. Ele, agora, por exemplo, quer resgatar os cientistas ocultos da Fiocruz, como o servente negro Paulo Ve-

nâncio, que trabalhou durante anos com Adolfo Lutz e sua filha Berta. Com sua percepção e sensibilidade, embora fosse analfabeto, Paulo Venâncio ajudou, na zoologia, a identificar uma seqüência nova de sapos e outros batráquios. “Estou preparando um livro sobre Paulo Venâncio, que é praticamente um desconhecido, embora a Escola Politécnica da Fiocruz receba seu nome. Foi ele quem me deu grande lições na casa. Talvez por aquela identificação entre negros. Eu talvez fosse a projeção profissional que ele desejava, porque eu era um doutor”, relembra Sebastião. Muitos cientistas estrangeiros, detalha ele, chegavam a enviar correspondência para Venâncio pensando que se tratasse de um experimentado colega na área de zoologia.